

MORRER É FÁCIL, DESENCARNAR É DIFÍCIL



*Dra. Marlene Nobre **

O médico constata a morte física e passa a certidão de óbito mas, será que a alma já se separou do corpo? É muito pouco provável. São raros os espíritos que conseguem abandonar imediatamente a veste física. Geralmente, a retirada dá-se cerca de 72 horas após o óbito, mas nada se pode com toda a segurança garantir, porque não há uma desencarnação igual à outra.

Allan Kardec chamou sempre a atenção para o facto da extinção da vida orgânica acarretar a separação da alma, como consequência do desatar dos laços fluídicos que a ligam ao corpo. No entanto, esta separação nunca se faz bruscamente e só está concluída quando já não houver nenhum átomo do perispírito (corpo etéreo) ligado a nenhuma molécula do corpo.

O Codificador da Doutrina Espírita referiu-se também ao número de pontos de contacto existentes entre o corpo e o perispírito, por serem estes os responsáveis pela maior ou menor dificuldade na separação. Se o desligar não se der, a alma poderá sentir a decomposição do próprio corpo – como acontece com frequência no caso dos suicidas. Com efeito, na morte violenta, o desatar dos laços fluídicos só começará quando a morte se tornar efectiva, isto é, quando todo o fluido vital do ser em causa se escoar, e por isso, a sua conclusão é demorada. Pelo contrário, na morte natural, como esta acontece pela extinção do fluido vital devido à velhice ou à doença, a separação é gradual: para quem se foi desmaterializando ao longo da existência, o desatar conclui-se ainda antes de ocorrer a morte real; mas para o homem materialista e sensual, cujos laços com a matéria são estreitos, o rompimento é difícil, podendo durar **“(…) alguns dias, semanas, ou até meses.”** (Ver descrição pormenorizada no livro **“O Céu e o Inferno”**, cap. I, 2ª. parte, e n’ **“O Livro dos Espíritos”**, cap. III, ambos de Allan Kardec).

No livro **“Obreiros da Vida Eterna”**, da autoria do Espírito André Luiz e psicografia de Chico Xavier (ed. FEB), os Instrutores Espirituais explicam que há três áreas orgânicas que são fundamentais e que são alvo de toda a atenção no momento da libertação da alma: **1)** o centro vegetativo, ligado ao ventre, onde se situa a sede das manifestações fisiológicas; **2)** o centro emocional, sediado no tórax, que é a zona dos sentimentos e dos desejos; e **3)** o centro mental, situado no cérebro, sede da alma, e a mais importante das três áreas.

No livro, André Luiz também descreve algumas desencarnações como, por exemplo, a de Dimas. Neste caso, os Espíritos Superiores responsáveis pelo desligar dos laços fluídicos – existem equipas especializadas nesta complexa tarefa – iniciaram o processo desatando, através de passes, os laços do centro vegetativo. Constatou-se, então, que os membros inferiores se esticaram mostrando sintomas de esfriamento; depois, à altura do tórax e actuando num determinado ponto do coração – sempre através de passes – soltaram os elos que mantinham a união celular, desligando o centro emotivo e, finalmente, actuando dentro do cérebro, sobre a fossa romboidal, onde a alma tem a sua sede corporal, desataram os nós que retinham uma certa chama de cor violeta-dourada, libertando então o centro mental.

“A partir daí – descreve André Luiz – o Dimas-desencarnado elevou-se alguns palmos acima do Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de um leve cordão prateado semelhante a um vaporoso elástico, entre o abandonado cérebro da matéria densa, e o cérebro de matéria etérea do organismo que se tinha libertado.” Efectivamente, Dimas

tinha morrido completamente, mas a operação ainda não estava concluída: a ligação fluídica, ou cordão de prata, permaneceu até ao dia seguinte e só foi cortada cerca de duas horas antes do corpo ser sepultado.

Noutro caso do mesmo livro, o de Adelaide, o desatar dos laços fluídicos ocorreu em simultâneo com a libertação do centro mental, mas dentre os diversos processos de desencarnação, este exemplo é um caso raro.

E há, também, o caso de Luís Alves, descrito pelo próprio através da mediunidade de psicofonia de Chico Xavier na reunião mediúnica celebrado no Grupo Meimei, em Pedro Leopoldo (local onde Chico nasceu e viveu até 1959), a 1 de Dezembro de 1955, e publicado no livro **“Vozes do Grande Além”**, que depois de se ter suicidado, ficou 26 anos agarrado ao esqueleto físico, enquanto os estudantes de medicina o iam utilizando para os estudos de anatomia...

Como se vê, a morte física é relativamente simples, mas a desencarnação abrange um processo muito mais complexo.

Morrer, é fácil; desencarnar, é difícil. Às vezes, até.... extremamente difícil!

*** ginecologista, escritora, oradora e Presidente das Associações Médico-Espíritas (AME) do Brasil e Internacional.**